

Crónica 264, 15.6.2019 o fim do humor é a antecâmara do fim da sociedade ocidental como a conhecemos

O que levou, agora, a direção do *NYT* a acabar com os *cartoons* políticos foi um desenho do cartoonista António, do Expresso. Usado pelo *NYT*, o *cartoon* punha Trump, cego e com o quipá, a ser guiado por um cão com a face do primeiro-ministro israelita Benjamin Netanyahu, cuja coleira era a estrela de David, de seis pontas.

ESCREVI HÁ 11 ANOS: (CRÓNICA 49, PICO, 13 JANEIRO 2008)

“Ter humor é possuir a capacidade de perceber a discrepância entre duas realidades: entre os factos (brutos) e o sonho, entre as limitações do sistema e o poder da fantasia criadora. No humor ocorre um sentimento de alívio face às limitações da existência e até das próprias tragédias. O humor é sinal da transcendência do ser humano que sempre pode estar para além de qualquer situação.

O humor é libertador. Por isso sorrir e ter humor sobre o que nos rodeia, sobre a violência com a qual a sociedade e as suas regras limitadoras nos pretendem submeter, é uma forma de nos opormos a ela. Somente aquele que é capaz de relativizar as coisas mais sérias, embora as assuma, pode ter bom humor.

O maior inimigo do humor é o fundamentalista e o dogmático. Ninguém viu um terrorista sorrir ou um severo conservador cristão esboçar um sorriso. Geralmente são tão tristes como se fossem ao seu próprio enterro. Basta ver os seus rostos crispados.

Como afirmava Nietzsche, “festejar é poder dizer: sejam bem-vindas todas as coisas”. Pela festa o ser humano rompe o ritmo monótono do quotidiano. Façamos uma festa...!

Vivo num mundo diferente e não me espanto de recordar:

UM TEMPO EM QUE:

Havia liberdade de andar nas ruas sem ser assaltado,

Se podia dar e receber boleia sem ser assaltado,

Os que viviam no ventre materno e os idosos, eram respeitados,

Não se era torturado permanentemente e de todas as formas por publicidade falaciosa,

Se podia confiar nos outros e havia PALAVRA,

Não havia carjacking nas ruas ou bullying nas escolas,

As pessoas preocupavam-se mais com o ser do que com o ter,

As crianças eram respeitadas nas escolas sem lavagens ao cérebro ou violadas na sua natural sensibilidade,

Havia políticos ao serviço da Nação e não ao serviço dos seus bolsos e os dos amigalhaços,

Os criminosos estavam nas cadeias em vez de ocuparem lugares de poder,

Um aluno que fizesse a 4.ª classe sabia ler, escrever, fazer contas, e apontar onde ficava o Minho, o Algarve ou Timor,

Ninguém concluía o 5º ano do liceu (9º ano de escolaridade), tirava uma licenciatura ou doutoramento por cunha de qualquer espécie, mas antes, tinha que mostrar o seu mérito,

Sem questionar o feminismo ou outros ismos: antissionismo, antialentejanismo, antilourismo (das loiras) todas as piadas são objeccionáveis por se basearem em estereótipos da sociedade, sejam eles

humanos, animais ou até mesmo políticos, que não são uma nem outra coisa. Assim, depois de todas as pessoas defensoras desses “ismos” terem colocado as suas objeções, porque são a favor do Obama ou do Bush ou do Trump, ou do Sócrates ou do Bolsonaro, porque se baseiam em estereótipos de mulher, de louras e louros, de alentejanos, de políticos e políticas (mas destas ainda há poucas), de judeus (e outras religiões como o cristianismo ou islamismo por ex.), de nacionalidades ou continentes de origem como com os africanos, os pobres, os ricos, os estudantes e os professores, os animais (mesmo aqueles que estão nas malas dos carros junto com a esposa ou esposo), verãõ o que fica: NADA.

Acabava-se o humor.

Ao reproduzir, adiante, Maiakovski, pretendo alertar que me sinto muito mais incomodado com a violência, gratuita ou não, com as imagens cheias de "innuendo" (insinuações) da TV, desde os telejornais às séries, pois essas são as armas de estupidificação globalizante que a todos corroem. O humor usa a linguagem dos estereótipos que hão de ser substituídos com o tempo assim como a frase “*bota-de-elástico*” foi substituída por “*cota*”. Desde a década de 1980 vi surgir a censura dissimulada em fundamentos razoáveis e aceitáveis, pretendendo sanitizar as mentes. Já o vi na Austrália quando o politicamente correto foi introduzido na linguagem em meados daquela década.

Como tradutor profissional tive de o seguir, mas como ser humano, inteligente (no sentido de pensante) recuso-o tanto hoje como ontem. Com o politicamente correto acaba-se o humor. Esse é o cerne da questão que ninguém quer ver. Deve lutar-se contra a discriminação, em todas as suas formas, contra o assédio sexual, político e outros, lutar contra a proposta nova norma europeia (trabalho até 68 horas semanais), lutar contra o salário mínimo de miséria e de exploração (reminiscente do início da Revolução Industrial), contra as quotas ou falta delas nos elencos femininos do governo, contra a falta de acesso a pessoas com deficiências de qualquer tipo. Lutar contra isso tudo mas deixem o humor de lado, a menos que seja difamatório (mas sem ser pelas normas norte-americanas), grosseiro, imoral, amoral. Quando se definira o politicamente incorreto, foi porque o politicamente correto era a forma mais fascista de sanitizar a língua, o pensamento e a vida em geral, criando uma sociedade assética e inócua. Todos iguais e cinzentos de acordo com a norma. Ninguém precisa de pensar nisto pois o futuro provará a sua veracidade melhor do que o Orwell alguma vez podia prever no 1984 ou outros ensaios semelhantes: a realidade já ultrapassou a ficção há muito. Quem primeiro o antecipou foi Maiakovski – poeta russo “suicidado” após a revolução de Lenine que escreveu ainda no início do século XX:

Um dia vieram e levaram meu vizinho que era judeu.

Como não sou judeu, não me incomodei.

No dia seguinte, vieram e levaram meu outro vizinho que era comunista.

Como não sou comunista, não me incomodei.

No terceiro dia vieram e levaram meu vizinho católico.

Como não sou católico, não me incomodei.

No quarto dia, vieram e me levaram;

já não havia mais ninguém para reclamar...”

Martin Niemöller, 1933, símbolo da resistência aos nazistas.

UM PASSEIO COM MAIAKOVSKI

*Na primeira noite
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles,
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a lua, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz
da garganta.
E porque não dissemos nada,
já não podemos dizer nada.*

Tudo que os outros disseram fizeram-no depois de ler Maiakovski.

Incrível é que após mais de cem anos dessa lição, ainda nos encontremos tão desamparados, inermes e submetidos aos caprichos da ruína moral dos poderes governantes, que vampirizam o erário, aniquilam as instituições, e deixam aos cidadãos os ossos roídos e o direito ao silêncio: porque a palavra, há muito se tornou inútil! Agora, o politicamente correto ameaça o humor.



Chrys CHRYSTELLO (BSc, MA), International Press Card AU #3804

Honorary Lifetime Member MEEA/AJA

#2977131 Australian Journalists' Association,

drchryschrystello@journalist.com drchryschrystello@yahoo.com.au

<https://www.facebook.com/chrys.chrystello>

(+351) 296446940, (+351) 91 9287816

Columnist/Colunista Diário dos Açores, Diário de Trás-os-Montes, Tribuna das Ilhas

